

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DAS MULHERES SUL-RIO-GRANDENSES (1976-2016)

THE LITERARY PRODUCTION OF WOMEN FROM RIO GRANDE DO SUL (1976-2016)

Magali Lippert da S. ALMEIDA¹

Gabriela WEISSHEIMER²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar dados do mapeamento realizado pela professora doutora Magali Lippert da S. Almeida (IFRS) e pelo professor doutor Marlon Mello de Almeida (UFRGS), de escritores(as) sul-rio-grandenses com produções literárias individuais compreendidas entre os anos de 1976 ao ano de 2016 nos gêneros/subgêneros literários: literatura infantil/juvenil, narrativa longa, narrativa curta, textos dramáticos, poesia e crônica. A partir da lista de autores mapeados e dos gêneros aos quais se dedicaram, objetivamos compreender, levando em consideração o levantamento teórico e os resultados obtidos no mapeamento, a produção feminina de obras literárias. A partir dos resultados obtidos se percebeu discrepância quantitativa no percentual de produção literária de mulheres em comparação ao de homens. O maior impacto está relacionado aos gêneros literários aos quais as mulheres se dedicam se comparado aos homens. Do total de 933 escritores mapeados, 339 são mulheres, o que equivale a 36,33% do total de escritores mapeados. Os dados não gerariam surpresa não fosse o fato de 91 mulheres se dedicarem, **exclusivamente**, à produção de literatura infantil e juvenil e 133 à poesia; nos outros quatro gêneros presentes no mapa apenas 55 autoras sul-rio-grandenses vêm se dedicando ou se dedicaram em algum momento de suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura sul-rio-grandense. Literatura contemporânea. Mulheres escritoras.

ABSTRACT: This article will analyze the mapping made by the professor Magali Lippert da S. Almeida (IFRS) and the professor Marlon Mello de Almeida (UFRGS), of writers from Rio Grande do Sul and their individual literary productions comprise, between the years 1976 and 2016 in literary genres/subgenres: children's and juvenile literature, long and short narrative, dramatic texts, poetry and chronicle. From the list of the mapped authors and the genres in which they were engaged in we aim to understand, taking into consideration the theoretical survey and the results obtained in the mapping, the female production of literary works. From the results obtained, we noticed a quantitative discrepancy in the percentage of literary production of women compared to that of men. The biggest impact is related to literary genres to which women are engaged compared to men. From the 933 writers mapped, 339 are women, which is equivalent to 36,33% of the amount of writers mapped. The data would not come as a surprise if 91 women had not dedicated themselves, **exclusively**, to the production of children's and juvenile literature and 133 to poetry, in the other four genres present on the map, only 55 authors from Rio Grande do Sul have dedicated or have been dedicating themselves to them at some point in their lives.

KEYWORDS: Literature from Rio Grande do Sul. Contemporary literature. Women writers.

1. Departamento de Ciências Humanas e Educação, IFRS/Campus Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil. magali.lippert@poa.ifrs.edu.br.

2. Bolsista PIBIC/CNPq - Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. gabriela.lw@hotmail.com.

Introdução

As obras literárias produzidas por homens dominam o mercado editorial brasileiro desde sempre. Por mais que o painel político e histórico venha sendo redimensionado, ainda há resquícios de uma literatura patriarcal escrita majoritariamente por pessoas do sexo masculino mesmo que o público almejado, e que efetivamente consome certas obras, seja, inúmeras vezes, as mulheres.

Esse domínio literário por homens vem de uma herança em que o protagonismo político, econômico e artístico sempre foi ocupado por eles, de modo que ainda existem entraves para a inserção feminina no mundo das artes e da intelectualidade (principalmente ambicionando algum destaque). A literatura, segundo Antonio Candido (2000) em *Formação da Literatura Brasileira*, traz o pressuposto da dialética que atrela a história à estética, desse modo, a produção literária é um espelho dos acontecimentos históricos e sociais vividos no momento escrito e, por vezes, descrito pelo autor. Sendo assim, a produção literária brasileira não poderia ser diferente: meios artísticos dominados por escritores do gênero masculino refletiriam os ideais de um convívio letrado que excluía a participação das mulheres como produtoras de literatura.

Atualmente, as mulheres, cientes de sua condição de coadjuvantes na produção artística e literária, vêm se impondo e reivindicando espaços, longos debates vêm sendo travados, saraus literários liderados/formados por mulheres vêm ganhando força, assim como as academias literárias femininas, enfim, é possível observar maior participação das mulheres inclusive como cronistas da mídia jornalística impressa.

A nossa intenção neste estudo é evidenciar os números de mulheres escritoras, através de uma apresentação quantitativa e ao mesmo tempo analítica (através dos nossos estudos teóricos), da produção literária no Rio Grande do Sul entre os anos de 1976-2016, demonstrando quais os gêneros escolhidos pelas mulheres para se inserirem no mercado editorial. Pretendemos, ainda, comparar com a produção dos homens e verificar se persiste a relação de domínio masculino na produção literária e se é possível perceber, estatisticamente, uma aproximação entre os números da produção feminina e masculina.

1. Metodologia

Este estudo só foi possível a partir da conclusão, pelos pesquisadores professores Magali Lippert da S. Almeida (IFRS) e Marlon Mello de Almeida (UFRGS), com o apoio de duas bolsistas de ensino médio, Maria Eduarda Rodrigues de

Souza e Bruna Moreto (bolsistas PIBIC/EM), uma bolsista de ensino fundamental Giovana Lírio (Colégio de Aplicação/UFRGS) e uma bolsista do ensino superior, Gabriela Weissheimer (bolsista PIBIC), do mapeamento realizado ao longo de quase dois anos pelos professores citados, ambos coordenando o projeto “A produção literária sul-rio-grandense contemporânea: um estudo dos últimos quarenta anos (1976-2016)”, em suas instituições de origem, IFRS e UFRGS, parceiros, unidos pelo grupo de pesquisa LEIA.

A pesquisa mapeou autores de obras literárias impressas com registro de ISBN (International Standard Book Number). Autores com obras sem ISBN (especialmente anteriores à década de noventa, quando o registro ainda não era disseminado como na atualidade) foram avaliados segundo critérios de reconhecimento literário por pesquisadores com o título mínimo de mestrado (um estudo bibliométrico foi efetuado pela professora Magali Lippert da S. Almeida, cuja área de origem é a Biblioteconomia) e também através do reconhecimento dos pares: popularidade, menções em veículos de comunicação, patronato em grandes feiras de livros ou, ainda, livros mais recentes com ISBN (para contemplação do gênero literário no mapa).

Escritores participantes de antologias, livros de autoria coletiva com mais de dois autores e obras de difícil definição de gênero literário (miscelânea de pensamentos, contos, poesias e crônicas, por exemplo) não foram contemplados no mapa.

O mapeamento foi apresentado no seguinte formato:

Autor	Literatura Infantil/Juvenil	Romance/Novela	Conto	Textos Dramáticos	Poesia	Crônica
Abreu, Caio Fernando						
Abreu, Maikel de						
Abuchaim, Beatriz						

Tendo em vista a extensão do mapa (são trinta páginas), optou-se por cores vivas e visivelmente diferentes para destacar os gêneros. As células marcadas com as determinadas cores representam o gênero ao qual o escritor (cujo nome está na primeira coluna) se dedicou (independente do número de obras publicadas em cada gênero pelo autor em questão). Foi a partir desse mapa que fizemos a contagem e os cálculos estatísticos da produção das mulheres gaúchas. A impossibilidade de mensurar toda a produção dos últimos quarenta anos (livro a livro) nos levou a uma análise do autor versus gênero (exclusivo ou misto) literário que publica suas obras.

A pesquisa inicial foi do tipo exploratória com amostra não-probabilística intencional: para chegar aos nomes dos autores, os pesquisadores lançaram mão de dicionários biográficos, livros de pesquisadores que se dedicam ao estudo da

literatura sul-rio-grandense, sites de editoras do Rio Grande do Sul, sites de entidades associativas de escritores e páginas pessoais dos autores. Os pesquisadores também contaram com o apoio do Clube dos Editores do Rio Grande do Sul que doou obras para análise e forneceu informações biográficas sobre autores, bem como ajudaram em algumas dúvidas sobre os gêneros aos quais certos autores dedicavam sua escrita.

É possível, ainda, uma pequena variação no número de escritores mapeados, tendo em vista que por ser uma pesquisa do tipo exploratória exaustiva os pesquisadores continuam tentando rastrear algum escritor que tenha ficado fora do mapa.

2. Literatura produzida por mulheres

É notória a presença de uma maioria de nomes do gênero masculino na história da literatura mundial, qualquer um de nós que seja inquirido a citar alguns nomes de expressão na história da literatura brasileira, por exemplo, lembrará, na maioria, de nomes de homens: José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Erico Verissimo etc. É preciso concentração e considerável ecletismo literário para surgir o nome de uma mulher nesse momento em que temos de rememorar nomes de escritores que fizeram história na Literatura.

Não que elas não existissem, sim existiram, algumas são escritoras consideradas canônicas também, como, por exemplo, Rachel de Queiroz, entretanto o domínio masculino nas nossas Letras, representado, sempre, por um número muito maior de homens do que de mulheres, faz com que, simplesmente, esqueçamos do desequilíbrio histórico na produção literária. Mesmo que nos esforcemos para citar mulheres escritoras (especialmente até o início dos anos 1980), o número será sempre muito inferior ao de homens escritores.

Os motivos são inúmeros e em parte tentaremos debatê-lo nas próximas páginas.

A reflexão que se faz importante neste momento é que as representações oriundas de uma literatura produzida por homens podem impactar na leitura que fazemos sobre o mundo e sobre a presença da mulher neste mundo: mulheres estereotipadas e romantizadas figuram fortemente na nossa literatura – divididas em angelicais e demoníacas, como para o poeta Gregório de Matos Guerra, que não tinha acanhamentos ao versar sobre a figura feminina.

E essa mesma literatura era consumida pelas mulheres, que possivelmente entendiam, após algumas leituras, que precisavam se “adequar” aos desejos masculinos: que seriam mais atraentes quanto mais artificiais fossem. A literatura produzida no Brasil no século XIX, especialmente o folhetim, muitas vezes era direcionado para as moças de nobres famílias como forma de doutrinação em romances que classificavam os papéis femininos entre as que se adequavam (ou não) aos padrões ditados pelo patriarcalismo.

Inspiração de muitos escritores brasileiros, o clássico, “Madame Bovary”, escrito por Gustav Flaubert em 1857, tem uma mulher como protagonista e ela, ao não atender os preceitos que lhe eram designados, é severamente punida servindo de exemplo para as moças leitoras. Outra punição paradigmática é a de Hester Prynne, personagem cujo rosto é marcado com o *A* de adúltera, na obra de 1850 de Nathaniel Hawthorne, que expõe o puritanismo marcadamente masculino na Salem (Massachusetts, Estados Unidos) do Século XVII, mesmo cenário de *As bruxas de Salem*, já do século XX, de Arthur Miller.

E ainda no século XX, Virgínia Woolf, nascida na Inglaterra, foi, provavelmente, a principal precursora do que hoje podemos chamar de literatura feminina e feminista. Escreve romances e ensaios, versa sobre política e feminismo. A obra dessa autora é marcante na medida em que desafia o “jeito masculino” de ver a mulher.

Outras autoras inglesas conquistaram espaço e hoje figuram em estudos acadêmicos do mundo inteiro: Jane Austen, autora de *Orgulho e Preconceito* (1813), no século XIX tem suas obras recusadas e publicadas somente anos depois de terem sido escritas por fazer forte crítica à sociedade inglesa e abalar a estrutura patriarcal da época; Mary Shelley publicou em 1818, anonimamente, sua principal e mais famosa obra, *Frankenstein*, hoje considerado o primeiro livro de ficção científica da literatura mundial. Agatha Christie também publicou inúmeros romances e o total de dezessete peças. Seria essencial nomear outras autoras conhecidas mundialmente que foram, e são, parte fundamental para a história literária, no entanto, ao pensar em obras clássicas da literatura universal naturalmente pensamos majoritariamente em figuras masculinas.

2.1 Literatura de mulheres no Brasil

A história da literatura no Brasil está vinculada às tendências estéticas de escolas literárias europeias. Os maiores centros intelectuais, as maiores potências econômicas e a efervescência cultural da Europa tinham um padrão estilístico e

social que não abriam margem para um mercado feminino que pudesse concorrer e romper com a estrutura literária regente; logo, no Brasil, colônia de Portugal, e reprodutor de seus costumes não seria diferente.

Quando a produção literária de fato começa a ser produzida por brasileiros, mesmo que com resquícios de influências exteriores, os autores e suas respectivas obras são o reflexo de uma sociedade escravocrata e desigual. Na história nacional oitocentista, os níveis de analfabetismo eram altíssimos, e as escolas, escassas:

[...] Os tutores e os poucos colégios existentes custavam caro, eram tradicionalmente considerados privilégio dos ricos e, claro, tirariam jovens do campo, da loja ou de qualquer outro local onde estivessem contribuindo para a sobrevivência econômica de suas famílias. Em 1872, para adotarmos uma data intermediária, “em uma população estimada pelo censo em 10 milhões de habitantes, o total de matrículas nas escolas primárias não passava de 150 mil alunos.”

Durante a Monarquia e a República Velha, os filhos de fazendeiros ricos, grandes comerciantes e homens de negócios, dos burocratas do alto escalão e dos profissionais abastados eram educados primeiro em casa, pelos pais ou tutores (em geral, europeus). Quando atingiam a idade adequada, seguiam para o colégio, que em geral encarnava a afirmação da liderança cultural da capital do estado ou da província. (NEEDELL, 1993, p. 74-75).

Para além de obstáculos sociais, a literatura brasileira teve seus empecilhos também devido à metrópole, Portugal, que proibia a impressão de jornais e livros pela colônia. A primeira tipografia de que se têm registros data no ano de 1808: “A imprensa começou a atuar no Brasil após 1808 também em função do novo contexto político do país, este fato oportunizou a impressão de jornais e a atuação de intelectuais brasileiros na elaboração de textos jornalísticos e literários” (ALMEIDA, 2015, p. 217).

A consolidação da imprensa no Brasil foi alavancada, sem dúvida, pela vinda da família real portuguesa, que propiciou certa agitação cultural com a criação de teatros e clubes, inclusive clubes literários. São tempos em que apenas os filhos da elite frequentam escolas, tornando-se partícipes da incipiente cena cultural, inclusive, por vezes, na condição de escritores.

Os registros sobre produção literária feminina no Brasil oitocentista são raros e, às vezes, duvidosos, pois as referências são caóticas, mas alguns artigos relevantes foram recuperados. Anselmo Peres Alós (2008) afirma que Júlia Lopes de Almeida (Rio de Janeiro, 1862-1934) foi a mais famosa escritora do século XIX no Brasil e fazia parte do elenco de escritoras oitocentistas que

foram esquecidas pela crítica e pela historiografia literária que as sucederam. Segundo Castanheira (citando “alguns estudiosos”): “Segundo alguns estudiosos, a maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917), teria sido, cronologicamente, a primeira mulher brasileira a ter um romance publicado no país, intitulado *Úrsula* (1859).” (CASTANHEIRA, 2011, p. 28).

Outros tantos nomes aparecem de forma aleatória em artigos que tentam refazer o caminho das mulheres brasileiras na Literatura: Francisca Júlia, Narcisa Amália, entre outras. Evidente que nenhuma delas nos é familiar ao primeiro contato com o nome, diferente dos escritores homens do século XIX que enumeramos sem hesitação.

Mas é no século XX que surgem os nomes que encorajarão as escritoras da atualidade a batalhar por um espaço no campo intelectual literário. Escritoras como Cecília Meireles, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Cora Coralina, Adélia Prado, entre outras, deram sequência a uma solidez literária iniciada por Rachel de Queiroz (a partir da publicação de *O Quinze*, 1930) e foram o que se pode chamar de precursoras da Literatura produzida por mulheres brasileiras: a partir daí as mulheres tiveram uma visão mais lúcida do seu potencial e força cooperativa.

Como um reflexo dessa nova mentalidade, a literatura de autoria feminina, no Brasil e na América Latina em geral, faz emergir a manifestação literária da mulher em conflito, dividida entre a recusa dos papéis que lhe foram destinados, sob os parâmetros de sua formação tradicional e a dificuldade de desvencilhar-se desses mesmos papéis, principalmente no que concerne às obrigações e aos afazeres domésticos. (CASTANHEIRA, 2011, p. 33).

A partir da década de 1970, a mulher brasileira já parece totalmente consciente de que é necessária muita dedicação e coragem para romper as amarras do patriarcado e impor sua capacidade intelectual e artística, mas é só na década de 1990 que os leitores de literatura contemporânea irão se deparar com um volume considerável de publicações literárias escritas por mulheres:

Nos anos 90 o impacto dos primeiros movimentos de ruptura com a tradição já foi absorvido. O trabalho de desconstrução dos cânones sociais já percorreu um considerável caminho e as novas indagações que a literatura propõe refletem as perplexidades que despontam no limiar do terceiro milênio. (CASTANHEIRA, 2011, p. 34).

E é nesse contexto que emerge a escritura da mulher sul-rio-grandense: vivendo em um estado periférico, fora do eixo Rio-São Paulo, com forte tradição

regionalista (inclusive na composição de um tipo de literatura, por vezes, exaltando o homem gaúcho – sua *pilcha* e seu cavalo), essa mulher precisa se fazer ouvir e faz isso como pode.

2.2 Literatura de mulheres no Rio Grande do Sul

Os estudos sobre literatura escrita por mulheres sul-rio-grandenses, em termos quantitativos, são praticamente inexistentes, o que encontramos são textos relacionando o que as mulheres gaúchas escrevem com o “mundo feminino”, o “feminismo” etc. Mas até o mapeamento, aqui citado, de escritores contemporâneos do Rio Grande do Sul, nada havia que nos desse acesso a quantas mulheres têm publicado literatura, os nomes delas e a quais gêneros se dedicam, bem como a reflexão sobre isso.

Segundo Bittencourt (2004, p. 1):

A situação da literatura escrita por mulheres no Rio Grande do Sul não difere da que dominou no restante do Brasil e da América Latina, ou seja, a sua exclusão do cânone e a conseqüente marginalização da mulher como produtora de cultura. Produzida numa região tradicionalmente identificada com as atividades pastoris ligadas à criação de gado, que exigia força viril e resistência física, e por longo tempo palco de disputas fronteiriças em face de sua situação geográfica, a literatura no Rio Grande do Sul, desde o seu nascedouro no século XIX até boa parte do século XX, reproduziu um tipo de sociedade dominada pelo lado masculino, onde os valores priorizados eram a bravura, a força física e o ímpeto guerreiro.

É possível perceber, no entanto, algumas vozes femininas importantes anteriores ao período compreendido no mapeamento (lembrando que compreende os anos de 1976 a 2016), como, por exemplo, da escritora Lila Ripoll, talvez a primeira poeta gaúcha a obter certo reconhecimento nacional:

Focando nosso olhar para o cânone da lírica feminina do Rio Grande do Sul (ao admitir-se uma produção diferenciada), encontraremos, em nome como os de Delfina Benigna da Cunha e da crepuscular Amália Figueroa, em meados do século XIX, possivelmente algumas das fundadoras dessa tradição lírica ora tão enredada no humor, nem sempre de boa graça, de algumas vozes da lírica feminina atual [. . .] mas encontrou, já no limiar desta época, a partir da poesia de uma Lila Ripoll e de uma Lara de Lemos, seu melhor caminho. (ALMEIDA, 2003, p. 32).

Entretanto é a partir dos anos 1960 e 1970 que alguns nomes irão se popularizar e se consolidar, entre eles podemos citar Tânia Faillace, Lya Luft e Patrícia Bins (nascida no Rio de Janeiro, mas que viveu em Porto Alegre a maior parte da vida).

A partir de 1976, percebemos a entrada maior de mulheres no mercado editorial, elas passam sim a ser representativas, entretanto, nossa curiosidade, ao começar essa análise, partia de uma incômoda sensação de que a maioria das mulheres que publicavam livros literários se dedicava a “certos gêneros”, uma espécie de concessão masculina dos gêneros/subgêneros literários que “caberiam” às mulheres. Essa nossa incômoda percepção, infelizmente, se confirmou.

2.3 A produção literária das mulheres sul-rio-grandenses (1976-2016): resultados

Os professores pesquisadores Magali Lippert da S. Almeida e Marlon Mello de Almeida, chegaram, após exaustivo levantamento realizado durante dois anos, ao número de 933 escritores que publicaram em algum dos subgêneros propostos na pesquisa: Literatura infantil/juvenil, narrativa longa (novela e romance), narrativa curta (contos), Texto Dramático, Poesia e Crônica.

Dos 933 autores, 594 são homens e 339 são mulheres, essas, portanto, representam 36,33% do total de escritores mapeados. Até aí as notícias não são ruins, considerando que até a década de 1970 (aproximadamente) a diferença quantitativa seria muito maior.

O problema parece ser, se assim encararmos, a quais gêneros (chamaremos de gênero para facilitar a análise) essas mulheres se dedicam e é aí que encontramos as maiores discrepâncias. Do total de escritores que publicaram, **exclusivamente**, Literatura infantil/juvenil, que foram 138 dos 933, o número de mulheres é 91, ou seja, 65,94% dos escritores que se dedicam, **exclusivamente**, à Literatura Infantil/Juvenil são mulheres. Ainda é importante considerar que comparando com o número total de mulheres escritoras, 339, as escritoras infanto-juvenis representam 26,84%, já o número de homens que se dedicam, **exclusivamente**, à literatura infantil/juvenil é de apenas 47, ou seja, apenas 34,05% da produção infantil/juvenil é lançada no mercado por homens. Ora, isso representa, apenas, 5,03% do total da produção masculina.

Se por um lado poderíamos festejar a supremacia feminina na produção desse tipo de literatura voltada para o público infantil e juvenil, por outro, é óbvio que haverá muito desequilíbrio nos números finais relacionados à produção nos outros gêneros. Por ora, cabem algumas reflexões:

- A literatura infantil e juvenil por vezes é considerada uma literatura de “segunda classe”, a crítica literária dificilmente se debruça sobre ela e são raros os escritores desse gênero que alcançam notoriedade relevante (a menos que se dediquem ou tenham se dedicado, também, a outros gêneros literários).
- As mulheres, historicamente voltadas para o convívio familiar, antes de ocuparem as funções profissionais da atualidade, ocuparam, primeiramente, postos de trabalho que não foram ocupados pelos homens ou que eles abandonaram, então surge o papel das mulheres educadoras, ou seja, muitas mulheres começaram suas vidas profissionais (algumas permanecem até nossos dias) como professoras de educação infantil e ensino fundamental – possibilitando a convivência com crianças e adolescentes e propondo atividades (como a contação de histórias) em que o desejo de criar e compartilhar algo com os pequenos acaba surgindo.

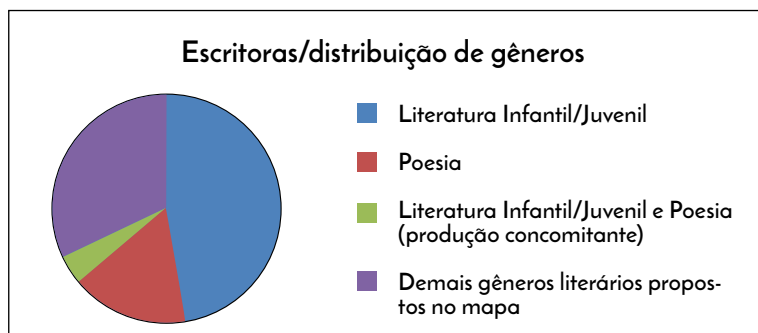
Reforça nossa reflexão quando analisamos o número de escritoras que, além de se dedicarem a outros gêneros literários, também escreveram (pelo menos um livro) de Literatura Infantil/Juvenil: do total de 339 escritoras, 140 têm pelo menos um livro infantil/juvenil publicado.

Interessante ainda analisar a produção poética das mulheres sul-rio-grandenses, do total de 339 mulheres, 78 mulheres se dedicaram, **exclusivamente**, à poesia: 23%. Se, ainda, contabilizarmos o número de mulheres que se dedicaram, exclusivamente à produção infantil/juvenil e poesia (publicaram nesses dois gêneros), chegaremos ao seguinte resultado: 19 mulheres publicaram livros de literatura infantil/juvenil e também poesia, o que equivale a 5,59%.

É possível perceber que das 339 mulheres escritoras de literatura no Rio Grande do Sul, 188 delas se dedicam a literatura infantil/juvenil e **ou** poesia, ou seja, 55,29% das escritoras, mais da metade do número total.

Esse dado é bastante relevante, embora não seja nossa intenção emitir juízo de valor sobre os gêneros publicados pelos autores, mas há algumas semelhanças aqui que nos convidam à reflexão.

GRÁFICO 1 – Escritoras/distribuição de gêneros



É evidente que a poesia é um gênero muito respeitado no mundo acadêmico, inúmeros projetos de pesquisa se dedicam ao assunto, temos poetisas mulheres muito competentes em seu ofício no Rio Grande do Sul, como Maria Carpi, Lya Luft e Maria Dinorah (essa última, já falecida, mulher de índole combativa, participou de inúmeros eventos literários em escolas e feiras do livro, tendo começado sua carreira como professora...), porém há um fenômeno interessante: as mulheres, segundo estudos estatísticos relacionados ao envelhecimento no Rio Grande do Sul (ver abaixo), vivem mais do que os homens e tendem a buscar apoio em outras mulheres: em grupos de amigas para viajar, fazer crochê e, também, escrever poesias. E essa produção, um tanto ingênua, muitas vezes se transforma em livro – com ISBN e tudo. Essas mesmas mulheres, felizes pelo sucesso da produção (adquirida por parentes e amigos), às vezes lançam-se também no mercado de livros infantis (com obras dedicadas a netos, sobrinhos-neto etc.) e poéticas.

Segundo Gottlieb et. al. (2011, p. 371):

No Brasil, bem como no RS, as mulheres têm maior esperança de vida ao nascer, diferença que está ao redor de oito anos. Como resultado, o número de mulheres idosas é superior ao número de homens, sobretudo nas faixas de idade mais avançadas.

Pesquisas da área do envelhecimento há muito constataram que as mulheres tendem a viver mais e melhor, especialmente por continuarem se dedicando a filhos adultos e netos, e o fato de continuarem ativas as impulsiona a diversas atividades: a literatura é uma delas.

Isso explica, em parte, uma questão: as mulheres que conseguem chegar ao mercado editorial publicando obras de qualidade literária suficiente para concorrer com os homens (muitos profissionalizados) é bem menor do que se imagina. No artigo “Poesia gaúcha: de 1990 para cá”, do professor Luís Augusto Fischer, dos 43 poetas “de 1990 para cá” citados (e alguns analisados), apenas 6 são mulheres. Ora, não podemos acusar o professor Fischer, um dos mais renomados estudiosos de literatura sul-rio-grandense, de *machismo*: é evidente que se trata de uma análise representativa da qualidade literária do que vem sendo publicado.

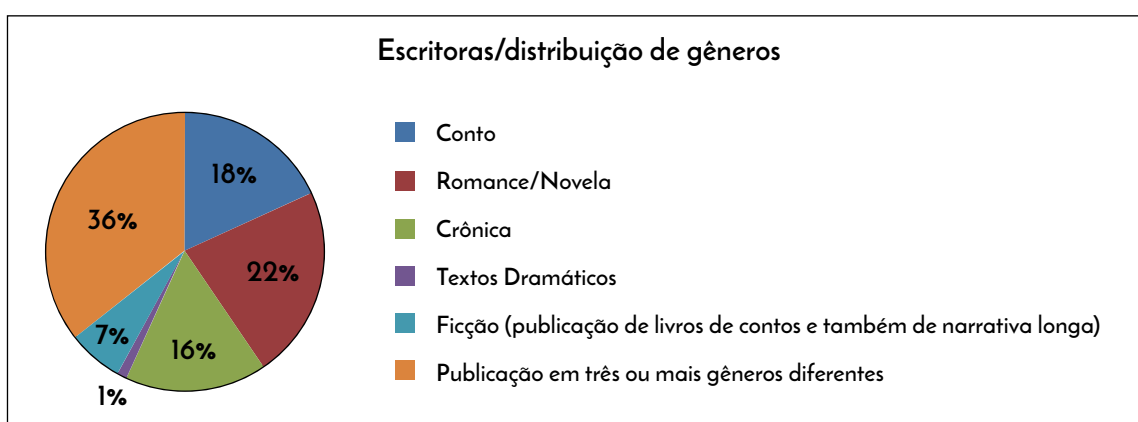
Em estudos posteriores pretendemos problematizar a questão levantada no parágrafo anterior, é possível que a maior profissionalização dos escritores do sexo masculino impacte nos dados relacionados à qualidade literária do que vem sendo publicado. Por ora nos ateremos às informações fornecidas pelo mapeamento.

Analisemos os demais dados do mapeamento que elencou as 339 escritoras sul-rio-grandenses, das 152 mulheres restantes (que não se dedicam, exclusivamente, a literatura infantil/juvenil ou poesia ou a ambas) se dedicam:

- **exclusivamente** ao Conto – 22 mulheres;
- **exclusivamente** à Narrativa Longa (novela e romance) – 27 mulheres;
- a **ambos** (narrativa longa e curta) – 8 escritoras.

Ou seja, podemos considerar como ficcionistas, somando narrativa longa e curta, 57 escritoras, então apenas 16,76% das 339 escritoras gaúchas que publicaram literatura brasileira nos últimos quarenta anos (1976-2016) conseguiram publicar, **exclusivamente**, ficção.

GRÁFICO 2 – Escritoras/distribuição de gêneros



Ainda podemos observar que do total de 339 escritoras nenhuma conseguiu publicar em todos os gêneros propostos no levantamento. Quanto aos homens, 3 possuem publicação em todos os gêneros: Caio Fernando Abreu, Waldir Ayala e Luís Fernando Veríssimo.

Quanto aos textos dramáticos, apenas 2 escritores homens se dedicaram, **exclusivamente**; entre as mulheres, apenas 1 (Carmem Silva), entretanto 19 homens se aventuraram também na publicação de textos dramáticos, e entre as mulheres foram apenas 3.

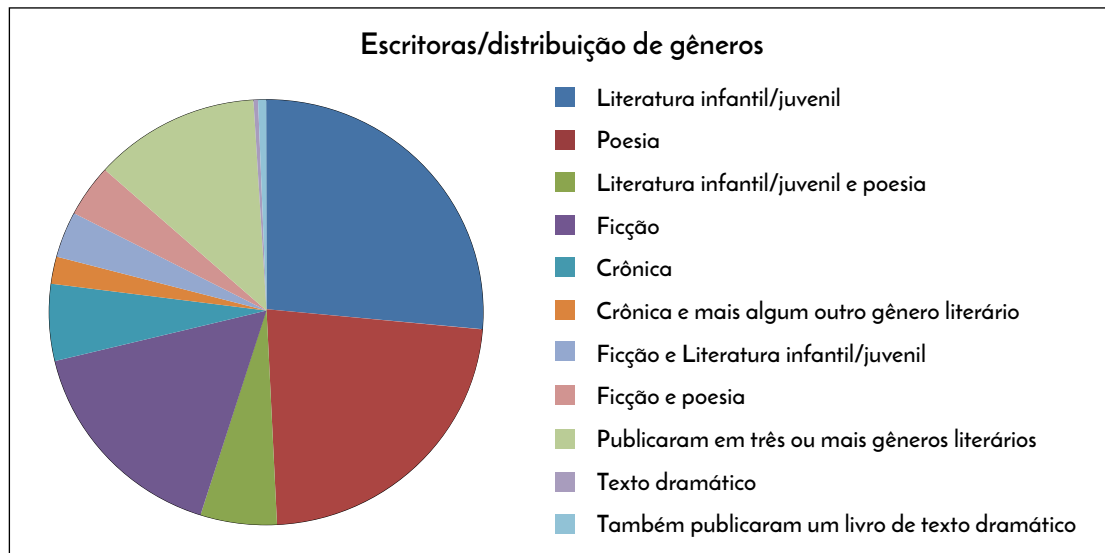
Ao gênero crônica, 20 escritoras se dedicaram, **exclusivamente**, mas algumas cronistas (não contabilizadas entre as 20 que publicaram exclusivamente tal gênero), também publicaram outros gêneros: 3 publicaram também narrativa longa, 2 publicaram poesia e 2 se dedicaram a Literatura infantil/juvenil.

Quanto às contistas que também investiram em Literatura infantil/juvenil, totalizaram 6, o mesmo número de romancistas que também se dedicaram a Literatura infantil/juvenil. Ainda 9 contistas publicaram também poesia e 4 romancistas investiram também na poesia.

Por fim, 43 escritoras publicaram em três ou mais gêneros sugeridos na pesquisa (mas nenhuma em todos). No gráfico abaixo tentamos incluir todos os

números adquiridos, infelizmente o grande número de intersecções pode atrapalhar um pouco a análise, mas eram necessárias tendo em vista que um grande número de escritoras publicou em mais de um gênero literário.

GRÁFICO 3 – Escritoras/gêneros literários



Conclusão

Ao analisar a condição da mulher na literatura, sob o ponto de vista quantitativo, é possível perceber que o baixo número de ficcionistas que publicaram seus escritos, nos últimos quarenta anos, no Rio Grande do Sul, revela a grande dificuldade de inserção em um mercado em que especialmente a narrativa longa domina. Se quem domina o mercado de literatura sul-rio-grandense de narrativa longa são os homens, então podemos considerar que a Literatura continua sendo dominada por eles.

Obviamente há relevância em considerar que as mulheres dominam a produção de Literatura infantil/juvenil, mas elas não obtêm com isso o reconhecimento *adulto* por sua produção. Há supremacia numérica masculina em todos os demais gêneros mapeados, mas é na ficção que percebemos o quanto é impactante pensar que em quarenta anos apenas 57 escritoras conseguiram se dedicar, **exclusivamente**, à ficção. Entre os homens o número é de 174, sendo 59, **exclusivamente**, romancistas, 65, **exclusivamente**, contistas e 51 com publicações de livros de contos ou romance/novela.

Ainda poderíamos considerar que entre as 43 escritoras que publicaram em três gêneros ou mais pode haver mais algumas ficcionistas, entretanto nossa intenção é chamar atenção para a dificuldade de uma mulher em poder concorrer no mercado editorial publicando, exclusivamente, ficção, além do mais, entre os homens que publicaram três ou mais gêneros a diferença também é considerável, foram 85 escritores, que provavelmente também possuem livros de ficção.

Podemos considerar que, comparando aos anos que antecederam o mapeamento, as mulheres escritoras – especialmente no Rio Grande do Sul, onde foi realizado o mapeamento – estão conquistando seus espaços. Não obstante, essa conquista é lenta: é necessário que se criem mais condições para a reafirmação da literatura feminina, é preciso, justa e paradoxalmente, que a cultura da segregação de gêneros literários dê lugar à literatura apenas. Mas devemos questionar também se os meios de produção (todo sistema de produção, promoção e comercialização do livro) atual não continuam perpetuando os mesmos nomes e seus “herdeiros” literários.

Referências

- ALÓS, Anselmo Peres. Um passo além: o resgate de escritoras brasileiras do século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 691-693, mai./ago. 2008.
- ALMEIDA, Magali Lippert da S. Acervos bibliográficos do fim do século XIX: contribuições da Literatura Brasileira. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 211-234, set./dez. 2015.
- ALMEIDA, Marlon de. Breve olhar sobre a nova lírica feminina do Rio Grande do Sul. *Porto e Vírgula*, Porto Alegre, n. 48, p. 32-36, jan./mar. 2003.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. A escritura feminina no conto sul-rio-grandense. *Organon*, Porto Alegre, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1962.
- CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-36, jul./2011.
- FISCHER, Luís Augusto. Poesia gaúcha, de 1990 para cá. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília/DF*, n. 18, ano 13, p. 123-140, 2004.
- GOTTLIEB, Maria Gabriela Valle et al. Envelhecimento e longevidade no Rio Grande do Sul: um perfil histórico, étnico e de morbi-mortalidade dos idosos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 365-380.
- NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.